

CURSO DE ATOS – IBCU – OUT/NOV - 2014

AULA 16 – Viagem a Roma – 1ª parte: Cesaréia até o naufrágio; 2ª parte: Ilha de Malta aos arredores de Roma; Finalmente em Roma; Ministério em Roma e seu reflexo até nós – Atos 29. (At 27.1 a 28.31)

16.1 – Viagem a Roma – 1ª parte (At 27.1-26)

Não muito tempo depois do julgamento perante Festo e Agripa, tomadas as providências pelo governador, Paulo foi entregue aos cuidados de um centurião da Corte Imperial, chamado Júlio. Juntamente com outros presos que seguiam para Roma, embarcaram em um navio que fazia a navegação costeira entre a Ásia Menor, desde a região de Trôade até a Palestina. Não dispunham de um barco que os levasse diretamente a Roma e assim aproveitaram esse que seguia voltando para seu porto de origem, Adramítio. Paulo se fazia acompanhar de Aristarco, citado por Lucas e incluído na primeira pessoa do plural, pois ele também estava presente. Lucas e Aristarco foram, provavelmente, autorizados a viajar com Paulo, na condição de seus servidores. Isso também ajudou a dar a Paulo uma condição diferenciada dos demais presos. Os outros presos seriam pessoas sentenciadas à morte, de diversas províncias romanas (especialmente da Palestina), que estavam sendo levados à Roma para suprirem a demanda dos espetáculos das arenas, sendo entregues às feras. Depois de zarparem de Cesaréia, em apenas um dia de viagem aportaram em Sidom, a pouco mais de 100km de distância. Essa pequena escala propiciou a Paulo conhecer a consideração do centurião para com ele, ao permitir que desembarcasse e visitasse os irmãos da igreja ali, podendo despedir-se e receber deles alguma ajuda para a viagem. Seguindo viagem e procurando proteção dos ventos muito fortes do Mediterrâneo, foram contornando a ilha de Chipre costeando as regiões da Cilícia e da Panfília, costeando o litoral sul da Ásia Menor. Assim chegaram ao porto de Mirra, na região da Lícia. Ali encontraram um navio, de porte maior, graneleiro que vinha de Alexandria no Egito, e levava um carregamento de trigo para a Itália. Com a sua autoridade de centurião romano, Júlio contratou o navio para também levar seus prisioneiros que iam para o mesmo destino. A partir dali as condições da viagem foram ficando mais severas por causa do tempo e da época do ano. A intenção do comandante do navio era seguir para oeste, atravessando o Mar Egeu em direção a Península da Acaia e daí seguir para o sul da Itália na região da Sicília. No entanto, conforme os versos 7 e 8 do capítulo 27, navegaram muitos dias vagarosamente, chegando com dificuldade até defronte a

Cnido, tendo que se desviar da rota planejada por causa dos ventos contrários e seguir rumo a sudoeste até a ilha de Creta. Costearam a ilha pelo sul e com dificuldade conseguiram chegar a um lugar chamado Bons Portos, próximo a pequena cidade de Laséia. Levaram um bom tempo ali fundeados, período em que as condições de navegação pioraram bastante, em face de já ter chegada a época do Dia do Jejum dos judeus. Era chamado também de o 'Dia da Expição' ou da 'Purificação do Povo', comemorado anualmente no dia dez do sétimo mês (mês de tisri) e correspondia ao período entre setembro e outubro no nosso calendário (Lv 16). Após essa época, e até fevereiro ou março, era demasiadamente perigosa a navegação. Paulo sabendo bem disso por ser, talvez, a pessoa a bordo com mais experiência em viagens marítimas e seus riscos (2Co 11.25b), admoestou-os dizendo: *"Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida."* (At 27.10). No entanto a opinião de Paulo não prevaleceu. O centurião preferiu concordar com o comandante e o dono da carga (talvez dono do navio ou seu preposto), que tinham o grande interesse de chegar logo ao destino. O correto seria invernares ali onde estavam. Numa solução intermediária porém, decidiram zarpar em busca de um local mais confortável para tal, tentando chegar ao porto de Fenice, mais a oeste da ilha e com melhores condições de permanência durante todo o inverno. Assim, enganados por um efêmero vento suave vindo do sul, precipitadamente levantaram âncora e seguiram costeando a ilha de Creta. Poucas horas após reiniciarem a viagem foram surpreendidos por um tufão, chamado Euroaquilão, soprando do alto das montanhas da ilha que os afastou com violência da costa, em direção a sudoeste para o meio do Mar Mediterrâneo. A sequência da tormenta e as tentativas frustradas de contornarem seus efeitos, descritas em detalhes por Lucas (At 27.15-20), mostra o crescente desespero que tomou conta da tripulação e passageiros, ao ponto de dissipar-se *"...toda a esperança de salvamento."* (At 27.20b). Nesse momento de desespero, depois de cerca de onze dias de tormenta, Paulo, com a serenidade advinda da confiança nas promessas de Deus, *"...,pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade, era preciso terem me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. Porque, esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César, e eis que Deus, por sua graça, te deu todos quantos navegam*

contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito. Porém é necessário que vamos dar a uma ilha.” (At 27.21-26).

Exatas duas semanas após a saída de Creta, sendo ainda açoitados pelo vento de um lado para outro em pleno Mediterrâneo (o texto cita Adrático, mas hoje o Mar Adrático fica restrito a região entre a Grécia e a Itália), os marinheiros perceberam que se aproximavam de terra. Pressentindo eles que o navio podia ser atirado a rochedos e afundar rapidamente, com a desculpa de lançarem âncoras da proa, eles arriaram o bote tentando fugir. Paulo uma vez mais entrevistou e disse ao centurião e à guarda romana: *“Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos.”* (At 27.31). Uma vez mais a intervenção de Paulo foi considerada. A sequência agora do texto, do verso 33 até o 44, mostra que Paulo assumira a efetiva liderança a bordo. Orientou a todos que se alimentassem, pois fazia já duas semanas que não comiam e agora era necessário que se fortalecessem para enfrentarem o naufrágio e o desembarque. Reafirma assim a promessa de Deus de que nenhum só deles se perderia. Assume agora a capelania do navio e celebra o ágape cristão com todos. Refeitos, fortalecidos, reconfortados, se lançam com redobrado ânimo às últimas tarefas. Na manhã do décimo quarto dia, tudo parece ter acontecido muito rapidamente. Os soldados, temendo pela própria vida pós naufrágio, pois já se sentiam seguros de estarem escapando da morte, preocuparam-se com a possível fuga dos prisioneiros, querendo matar a todos. O centurião Júlio, preocupado apenas com a vida de Paulo, a quem queria preservar, impediu-os de fazer isso, ordenando que os que soubessem nadar fossem os primeiros a deixar o navio e que os demais se salvassem agarrados aos destroços. E assim todos se salvaram.

16.2 – Da ilha de Malta aos arrabaldes de Roma (At 28.1-15)

Pela pesquisa de historiadores, o local onde ocorreu o naufrágio é uma baía a noroeste da ilha de Malta, que se situa logo ao sul da Sicília. Essa baía hoje é chamada de Baía de São Paulo. Os seus habitantes eram chamados de ‘bárbaros’ pelos gregos, por não falarem a sua língua. Tinha sido uma antiga colônia fenícia e nela se falava um dialeto fenício. Os naufragos foram bem recebidos pelos habitantes da ilha, que acenderam uma fogueira para os aquecerem, pois chovia e fazia frio. Logo tem lugar um episódio marcante: *“Tendo Paulo ajuntado e atirado à fogueira um feixe de gravetos, uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se-lhe à mão.”* (At 28.3). Quando viram isso, concluíram que se tratava de um assassino

pois, salvo da morte no mar, a deusa grega da justiça ‘*dike*’, não o deixava viver. Ficaram assim aguardando Paulo inchar ou cair morto, mas nada disso aconteceu. Depois de esperarem muito tempo sem que nenhum mal lhe sucedesse, passaram então a dizer que era um deus. Esse episódio lembra duas coisas: primeiro a promessa de Jesus no final do evangelho de Marcos – Mc 16.18; segundo, o ocorrido em Listra – At 14.11ss.

Perto de onde estavam morava Públio, citado com o homem principal da ilha. Ele recebeu e hospedou Paulo e seus companheiros por três dias. A presença de Paulo na casa de Públio trouxe bênçãos para ele, sua família e para muitas pessoas daquela ilha (At 28.9). Ficaram os naufragos por três meses na ilha de Malta até embarcarem, após o inverno, em outro navio alexandrino que também levava trigo do Egito para a Itália. Na sequência da viagem, chegaram ao primeiro porto da Itália, embora ainda na Sicília. Aportando em Siracusa ficaram ali três dias, de onde seguiram para Régio, aí sim, o primeiro porto da Itália, já no continente europeu. Depois de um dia apenas, aproveitando um vento sul, navegaram por mais dois dias chegando finalmente ao porto de desembarque. Desembarcaram em Putéoli, que ficava na baía de Nápoles.

A partir desse ponto, Lucas vai registrando interessantes encontros com irmãos, ou seja cristãos convertidos através da grande expansão do evangelho desde o pentecoste. Não conseguimos, e isso não é necessário, traçar as linhas através das quais o evangelho foi chegando aos rincões mais distantes de Jerusalém num período de pouco mais de 30 anos após a ascensão de Jesus. Nessa época Paulo já havia escrito sua carta aos cristãos de Roma, muitos dos quais conhecia pessoalmente (Rm 16.3-15), mas havia outros que desejava ardentemente conhecer, passando por lá, antes da sua projetada viagem à Espanha (Rm 15.22-24), a qual não sabemos se conseguiu fazer. Em Nápoles, onde desembarcaram, ficaram uma semana com os irmãos dali. Seguiram depois viagem por terra em direção a Roma, pela via Ápia, o grande caminho que ligava Roma ao sul da Itália, e que foi chamada de ‘a estrada romana mais antiga, mais reta e mais perfeita’. Ainda hoje se pode transitar por vários trechos da via Ápia. Seguindo em direção a Roma, foram encontrando irmãos pelo caminho e, pelo menos em mais dois lugares se detiveram para esses momentos: Praça de Ápio (um grande mercado) e depois em Três Vendas. Ambos locais já nas proximidades de Roma. Esses encontros foram como que um bálsamo para um viajante extenuado: *“Vendo-os Paulo e dando, por isso, graças a Deus, sentiu-se mais animado.”* (At 28.15). Segundo John Stott, “deve ter sido uma experiência emocionante para Paulo encontrar

pessoalmente os primeiros moradores da cidade de seus sonhos e os primeiros membros da igreja à qual ele havia escrito o seu grande tratado teológico e ético”. Assim chegou Paulo a Roma.

16.3 – Finalmente no coração do Império Romano (At 28.16-22)

Quando chegou a Roma, Paulo ficou sob ‘custódia militar’. Isso significava que teria permissão para viver em sua própria casa, embora permanecesse sob vigilância de um soldado romano, a quem ficava acorrentado pelo seu pulso direito (At 28.16b e 20b). Há uma referência do texto Ocidental que indica a entrega de Paulo ao administrador chefe da guarda pretoriana, para aguardar seu julgamento.

Paulo, coerente com seu princípio de que o evangelho “...é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;” (Rm 1.16), tratou de dirigir-se primeiramente aos judeus. “Três dias depois, ele convocou os principais dos judeus e, quando se reuniram, lhes disse:...” (At 28.17a), começando por apresentar-se a fim de pregar-lhes o evangelho. Como era de se esperar, eles não só tinham pouca informação a respeito de Paulo, como o pouco que sabiam não lhe era favorável: “Contudo, gostaríamos de ouvir o que pensas; porque, na verdade, é corrente a respeito desta seita que, por toda a parte, é ela impugnada.” (At 28.22). Foi assim, que dias depois marcaram um encontro memorável que marcou o início do ministério de Paulo em Roma. No primeiro encontro com os judeus, Paulo tratou de esclarecê-los acerca de três pontos: Primeiro, ele não fizera nada contra o povo judeu ou seus costumes ancestrais; Segundo, ele foi preso, entregue aos romanos e interrogado por eles, mas estes queriam libertá-lo porque nada conseguiram encontrar que justificasse a pena de morte; Terceiro, que o fato dos judeus se oporem à sua libertação é que o fez apelar para César, apesar de não ter nada contra seu próprio povo. Resumindo, Paulo não tinha feito nada contra os judeus, os romanos não tinham nada contra Paulo, e ele não tinha nada contra os judeus. No segundo encontro, durante todo o dia, Paulo fez uma exposição, explicando o caráter do reino de Deus e a sua vinda, tentando convencê-los a respeito de Jesus, partindo das Escrituras, para demonstrar-lhes que era necessário identificar o Jesus histórico com o Cristo bíblico (At 28.23-28). A longa e persuasiva exposição de Paulo, como em outras vezes, dividiu a audiência. Alguns se converteram e outros permaneceram céticos, recusando-se a crer. Assim, como já havia acontecido em pelo menos outras ocasiões, a teimosia dos judeus o levou a voltar-se de forma mais decisiva ainda, para os gentios.

16.4 – Ministério em Roma – Atos 29 (At 28.30,31)

Ao final do capítulo 28, em apenas dois versículos, Lucas registra o que teria sido o ministério de Paulo em Roma pelos dois anos seguintes. Poucas informações, mas de grande significado, nós temos aí.

Paulo morava em casa própria (entenda-se, alugada), sustentando-se a si mesmo com ofertas e/ou recursos familiares, além do que provinha de suas atividades profissionais, talvez novamente em associação a Áquila, que poderia estar de volta a Roma (Rm 16.3). Recebia todos os que o procuravam. Não mais referências a judeus e gentios ou gregos mas, sem qualquer discriminação, a todos. Pregando e ensinando, ou seja, um ministério tanto evangelístico como de discipulado embora, a rigor, não se possa distinguir um do outro, pois toda a pregação de Paulo tinha um conteúdo doutrinário e todo o seu ensino tinha um propósito evangelístico, assim como deve acontecer também com cada um de nós.

A NTLH coloca no lugar certo as últimas palavras do livro de Atos (*meta pases parresias e akolutos*), dois advérbios traduzidos como 'coragem' e 'liberdade'. As expressões correspondentes na RAB aparecem no meio do verso 31, cuja redação é a seguinte: *“pregando e reino de Deus, e, com toda a intrepidez (intrepidamente), sem impedimento algum (desimpedidamente), ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.”* (At 28.31). Significam que o evangelho deve ter essas marcas: discurso franco e claro (sem omissão de verdades e sem expressões obscuras), e confiante (sem medo de consequências); Também que apesar de toda a vigilância militar e aparente restrição de liberdade pessoal, Paulo não havia sido proibido de falar. Sua mão estava presa, mas sua boca livre para falar. Apesar de acorrentado, a Palavra de Deus não estava.

Ficamos por vezes um tanto decepcionados pelo fato de Lucas, que juntamente com Aristarco acompanhou Paulo na sua viagem a Roma, tendo permanecido lá com ele, não nos tenha dado maiores informações sobre sua vida nestes dois anos e após esse período. Temos esparsas informações extraídas das próprias cartas pastorais, de que talvez tenha sido solto por cerca de dois anos, viajado novamente e revisitado alguns irmãos, tendo sido preso novamente e martirizado no ano 64. Textos como 2Tm 4.17, Fp 1.19-26, Fm 22 e 2Tm 4.7ss, nos permitem supor que tal fato tenha ocorrido. Não temos meios de inferir se nesse período chegou a fazer sua tão esperada viagem a Espanha.

A nossa frustração deve dar lugar ao reconhecimento de que Lucas, acima de tudo, não tinha a intenção de ser um biógrafo do apóstolo Paulo.

Antes, dedicou sua vida a registrar, de forma maravilhosa, como o evangelho, com toda a intrepidez e desimpedidamente foi e continua sendo pregado. Ao registrar a chegada das boas notícias do reino de Deus a Roma, a partir de Jerusalém, Lucas havia terminado sua tarefa. Nesse ponto começou a nossa, que a partir do estabelecimento da igreja no centro nevrálgico do ocidente naquela época, impulsionou o processo de sua expansão até confins da terra. A tarefa agora está em nossas mãos, para que se cumpra o que disse o Senhor Jesus no sermão profético: *“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim.”* (Mt 24.14).

Iniciou-se nas palavras finais de Lucas no capítulo 28, o capítulo 29 dos atos, não mais dos apóstolos, nem de Paulo, mas de todos nós como discípulos do Senhor Jesus, em cumprimento a sua grande comissão (Mt 28.19,20).